



Movimento

ISSN: 0104-754X

movimento@ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Frizzo, Giovanni; Bopsin, Andressa
SAÚDE DOCENTE E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NA REDE PRIVADA DE ENSINO SUPERIOR

Movimento, vol. 23, núm. 4, octubre-diciembre, 2017, pp. 1271-1282

Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115354182010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

SAÚDE DOCENTE E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE PRIVADA DE ENSINO SUPERIOR

TEACHERS' HEALTH AND LABOR PRECARIZATION IN PRIVATE PHYSICAL EDUCATION SCHOOLS

SALUD DOCENTE Y PRECARIZACIÓN DEL TRABAJO EN EL CURSO DE EDUCACIÓN FÍSICA EN LA RED PRIVADA EDUCACIÓN SUPERIOR

Giovanni Frizzo*, Andressa Bopsin*

Palavras chave:
Docentes.
Saúde do trabalhador.
Riscos laborais.

Resumo: Este artigo deriva de um estudo de caso de caráter qualitativo que objetivou analisar as implicações da precarização do trabalho docente na saúde do professorado do curso de Educação Física de uma Instituição da rede privada do Ensino Superior. Foi possível identificar que o professorado está cada vez mais submerso pela racionalidade do regime de acumulação capitalista, que precariza explicitamente o trabalho, afetando a saúde dos(as) docentes. Nesta pesquisa, concluímos que o trabalho pedagógico na Instituição pesquisada se torna cada vez mais precário, ocasionando adoecimento aos(as) trabalhadores(as) de modo substancial e que a precarização do trabalho e a saúde docente estão intimamente associados. Dentre os agravamentos de saúde do professorado, estão os problemas: osteomusculares, vocais e labirintite e, esses sendo decorrentes de fatores de saúde mental como estresse, cansaço, desânimo e transtorno de ansiedade..

Keywords:
Faculty.
Occupational health.
Occupational risks.

Abstract: This paper is a result of a qualitative case study aimed at analyzing the implications of precarization of working conditions of teachers at a Physical Education School of a private higher education institution. We found out that the faculty was progressively subject to capitalist accumulation rationale that explicitly worsened working conditions and affected their health. In this research, we conclude that the pedagogical work at the institution researched becomes increasingly precarious, causing substantial worker's illness. That precarization of labor conditions and teacher's health are closely linked. Professor's health issues include osteo-muscular and vocal issues, labyrinthitis, and those arising from mental health factors such as stress, fatigue, dismay, and anxiety disorder.

Palabras clave:
Docentes.
Salud del trabajador.
Riesgos laborales.

Resumen: Este artículo se origina en un estudio de caso de carácter cualitativo que tuvo como objetivo analizar las implicaciones de la precarización del trabajo docente en la salud del profesorado del curso de Educación Física de una institución de la red privada de la Enseñanza Superior. Fue posible identificar que el profesorado está cada vez más sobrepassado por la racionalidad del régimen de acumulación capitalista, que precariza explícitamente el trabajo, afectando la salud de los/las docentes. En esta investigación, concluimos que el trabajo pedagógico en la institución estudiada es cada vez más precario, ocasionando enfermedades a los/las trabajadores/as de modo significativo y que la precarización del trabajo y la salud docente están estrechamente asociados, donde, entre los empeoramientos de salud del profesorado están problemas musculoesqueléticos, vocales y laberintitis, donde este último se debe a factores de salud mental, como estrés, fatiga, depresión y trastorno de ansiedad.

*Universidade Federal de Pelotas.
Pelotas, RS, Brasil.
E-mail: gfrizzo2@gmail.com;
decabopsin@gmail.com

Recebido em: 25-04-2017
Aprovado em: 22-08-2017

DOI:
<http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.72916>

 Licence
Creative Commons

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo derivado de um estudo de caso de caráter qualitativo é analisar as implicações da precarização do trabalho docente na saúde do professorado do curso de Licenciatura em Educação Física (EF) de uma Instituição de Ensino Superior (IES) da rede privada no município de Pelotas/RS. Para contextualizar o trabalho docente na IES, destacamos o significado do trabalho e suas características no modo de produção capitalista para compreendermos a relação entre o trabalho, educação, precarização do trabalho e saúde docente. Neste sentido, o conceito de trabalho a que nos referenciamos diz respeito à capacidade do ser humano em transformar a natureza para atender suas necessidades de forma consciente, ampliando a relação social, sendo, também, considerado categoria fundante do ser social, possuindo valor central no desenvolvimento da sociedade até a mais recente forma de organização: o capitalismo (MARX; ENGELS, 1974).

Nesse sentido, a educação, a escola e o trabalho vão sendo remodelados a partir das alterações oriundas das reestruturações produtivas. Essas remodelações passam a interferir também nas políticas educacionais. Com o advento do neoliberalismo a referência para a educação em âmbito mundial é a Teoria do Capital Humano, que, de forma hegemônica, se utiliza da lógica das competências para incutir na formação escolar os ideais de empregabilidade e lucratividade, bem como da formação de mão de obra adaptada às necessidades de mercado.

Além desses aspectos, os grandes conglomerados empresariais, que exploram o setor da educação, se interessam em lucrar com as diferentes formas de privatização da educação pública, havendo redefinições no papel do Estado em relação à oferta de serviços públicos. Os organismos internacionais e o setor privado influenciam governos, que promovem reformulações nas políticas públicas, gerando, por exemplo, as parcerias entre os setores públicos e privados, que são altamente rentáveis às empresas educacionais. Em recente entrevista concedida à revista *ISTOÉ*, o presidente da IES objeto desta pesquisa, relatou:

Os resultados mostram que as nossas operações tendem a gerar valor futuro. Um pedaço desse valor vem de parcerias com o governo, mas o setor não é dependente dos programas do poder público, pois temos uma relação em que todos ganham [...] É óbvio que uma parceria com a iniciativa privada é mais eficaz para criar mão de obra qualificada [...] Precisamos gerir o sistema público de ensino com premissas da iniciativa privada. Temos de medir resultados, adotar a meritocracia. Recursos, em si, não são problema (JANKAVSKI, 2014, p.17).

Os estudos mais recentes acerca das políticas educacionais das últimas décadas (desde 1990) para o ensino superior têm apontado um crescente projeto privatizante da educação pública, bem como da transformação da educação como direito social em capital. Como exemplos de tais estudos, temos Silva Júnior e Spears (2012, p. 5), que denunciam o fato de que o ensino superior está sendo reorganizado:

[...] como uma mercadoria [...] que atendem [sic] as demandas da economia política global contemporânea, definindo áreas de conhecimento prioritárias pelo governo federal brasileiro com valores de mercado diferentes, mas, de acordo com o seu valor estratégico e percebido.

Assim como Leher (2003, p. 8):

[...] que afirma que diferentes métodos de privatização são experimentados, a criação de condições legais para o livre fornecimento privado e para o

direcionamento das instituições públicas para a esfera privada, por meio de fundações privadas, contratos, convênios com o setor empresarial, é tão ou mais importante do que a venda da participação estatal de um determinado setor.

A empresa educacional cuja unidade é objeto de nosso estudo é um dos dois maiores empreendimentos empresariais do campo educacional no mundo, concorrendo com a corporação chinesa *New Oriental* na lista de maior do mundo, ambas com capital aberto operando no mercado financeiro.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Em relação aos aspectos metodológicos, realizamos uma profunda análise do trabalho de campo através da leitura e releitura, estabelecendo relação entre o referencial teórico e as informações coletadas, tentando compreender, interpretar e identificar quais as implicações no engendramento da precarização do trabalho docente e da saúde do professorado do curso de EF na IES pesquisada. A partir das regularidades encontradas nas informações coletadas, foram estabelecidas categorias empíricas que permitiram estabelecer elementos para as análises realizadas. Como instrumentos para coleta de informações, utilizamos: a) análise de documentos (Projeto Pedagógico do Curso, Planos de Ensino das disciplinas, Matriz Curricular e Programa do Livro Texto - PLT - material didático da Instituição foco de nosso estudo); b) questionário semiestruturado com 51 perguntas abertas e fechadas; c) entrevista semiestruturada a partir de um roteiro que foi baseado nos achados dos questionários, trazendo, assim, novos elementos e aprofundamento no que concerne ao trabalho docente na IES, sendo selecionados(as) para entrevista professores(as) por representação tipológica. Para tal, levamos em consideração três principais eixos para a elaboração do roteiro de entrevista: descrição do trabalho, condições de trabalho e a saúde dos(as) colaboradores(as). Dos(as) 14 professores(as) de EF vinculados(as) à Faculdade de EF na IES, nove responderam ao questionário. Destes que responderam, selecionamos cinco¹ para a realização da entrevista com os seguintes critérios: se no questionário apontaram problemas de saúde e/ou sofrimento oriundos do trabalho docente e tempo de IES, levando em consideração que os(as) que possuísem maior tempo poderiam nos trazer maiores elementos do campo de estudo.

Desses(as) nove colaboradores(as), cinco são do sexo feminino e quatro do sexo masculino; dois(uas) professores(as) estão na faixa etária dos 20 a 30 anos de idade, três estão na faixa dos 30 aos 40 anos e quatro entre os 50 e 60 anos. Em relação à formação profissional: 89% realizaram a graduação em EF na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e 11% em instituições privadas; nenhum possui doutorado; seis realizaram especialização e/ou mestrado na UFPel; dois em instituições privadas; e um não possui pós-graduação. Quanto ao tempo de profissão: 33% dos(as) colaboradores(as) possuem de três a seis anos de profissão, 22% de dez a 20 anos, 33% de 25 a 30 anos e 11% possuem mais de 40 anos. Quanto ao tempo de trabalho na IES: 33% possuem de um a quatro anos de vínculo e 67% de cinco a dez anos.

Todos(as) possuem outra fonte de renda, ou seja, trabalham em outros locais que não somente na IES. Essas fontes de renda advêm de diversos locais, desde escola pública e privada, cargos em secretarias e até mesmo clínica de estética, por exemplo. Para sermos mais exatos, dos(as) nove professores(as), 44% trabalham também como docentes no ensino

¹ Os nomes de docentes foram substituídos por nomes fictícios para garantir a confidencialidade dos(as) colaboradores(as).

básico da rede municipal de Pelotas e/ou proximidades, da rede de ensino do Estado e/ou da rede privada, inclusive, um(a) dos(as) professores(as) está aposentado(a) da rede de ensino do Município de Pelotas; os outros 44% possuem vínculo em locais de trabalho como: centro estético e de hidroginástica, em gestão escolar, cargo na Secretaria de Educação e de palestrante de cursos.

Quanto à carga horária, a coordenadora (no primeiro semestre de 2015) dos cursos pesquisados disse que este é definido em cada semestre, pois a IES possui um sistema no qual o(a) professor(a) somente é contratado(a) se ministrar pelo menos uma disciplina por semestre. Atualmente, os(as) professores(as) têm o mínimo de 8 horas e o máximo de 32 horas e o salário se mantém na faixa de 32 reais/hora.

A contratação é feita através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e o(a) professor(a) assistente, também chamado de “professor(a) horista”, tem direito a férias, plano de saúde, licenças maternidade e saúde. Na época da pesquisa havia um(a) professor(a) afastado(a) por “licença-interesse” e nenhum(a) professor(a) afastado(a) por motivos de saúde, embora alguns(mas) tenham se desligado da IES pela precarização do trabalho a que estão expostos(as), como verificamos nas categorias empíricas que emergiram do trabalho de campo.

3 CONDIÇÕES DE TRABALHO NA INSTITUIÇÃO PRIVADA: DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO À SAÚDE DOCENTE

O estudo de Elias (2014) que teve como objetivo analisar a saúde docente em IES de Uberlândia/MG, cidade que conta com 20 instituições da rede privada de ensino superior e uma universidade federal, traz achados que afirmam que os(as) docentes estão adoecendo e a causa está relacionada ao exercício de suas funções. Segundo a pesquisadora, a precariedade do trabalho, resultado do rápido crescimento dessas instituições privadas, parece incrementar os problemas de saúde, principalmente adoecimentos de ordem psíquica. Esses problemas de saúde mental são devidos à precarização da educação à qual os(as) docentes são submetidos(as): carga horária superior a 8 horas diárias, sem considerar o número de horas executadas em casa; a contratação por hora-aula, provocando constante sentimento de insegurança – a cada semestre muda a jornada e a remuneração; e a preferência das instituições por profissionais “multitarefas” que ministrem diferentes disciplinas, sem respeitar a especialidade do(a) profissional.

A partir desta análise, tentamos indicar o fato de que os processos educativos são historicamente balizados pelas dimensões econômicas, sociais e culturais. Nesse sentido, Freitas (2006) diz que a organização do trabalho pedagógico no modo de produção capitalista, assim como o trabalho em geral, está alicerçada em três características: 1) ausência de trabalho material, 2) fragmentação (entre teoria e prática e trabalho manual e intelectual, por exemplo) e 3) alienação (do(a) professor(a), quando não tem autonomia na construção do ensino. Este último exemplo pode ser explicitado na IES estudada quando tratamos de sua metodologia de ensino, em que suas disciplinas são balizadas pelo Programa do Livro Texto (PLT), material que deveria ser apenas uma referência bibliográfica, é um manual com conteúdos moldados pela IES de como os(as) docentes devem lecionar, além de uma prova unificada baseada nesse livro, tal como apontado por um dos colaboradores na entrevista:

No semestre passado a IES tentou implementar o que eles chamam de prova unificada, que era uma prova que vinha da sede pronta, já com os nomes dos alunos, e o professor tinha acesso às suas questões uma semana antes da

aplicação da prova, então isso é ruim porque durante todo o semestre eu trabalhei conteúdos que na verdade não sei de que modo vão ser cobrados [...] a prova veio de modo muito amplo também e ela é feita basicamente em disciplinas que envolvem diferentes cursos, então tem coisas que pra EF, por exemplo, não são relevantes de estarem sendo avaliadas. [...] Provavelmente isso seja uma estratégia de ter marcadores de ensino [...] que são importantes pro ambiente empresarial, mas que no processo de ensino são bastante ruins, reduzindo bastante a autonomia do professor (Entrevista professor Moisés, 19 abr. 2016).

Ademais, no bojo do processo de reestruturação produtiva, contribuinte direto para o aumento da intensificação da contradição capital versus trabalho, o(a) trabalhador(a) é cada vez mais ameaçado(a), o que o(a) torna mais vulnerável a sentimentos de amargura, revolta, depressão e descontentamento, produzindo uma série de conflitos sociais e psíquicos.

A reestruturação da economia mundial na perspectiva de hegemonia da sociedade de mercado aprofunda aceleradamente a precarização das condições de trabalho docente em razão da crescente intensificação exigida sobre os(as) trabalhadores(as), como aponta o relato da professora Frida:

A gente tem muitos alunos, uma turma muito numerosa, e trabalhar com uma graduação é uma baita responsabilidade e é difícil quando tu tem uma turma com 100 alunos, como é que tu vai dar uma atenção individual? Então acaba que a gente fica dando aulas palestra [...] eu não tenho uma turma de 100 alunos, eu tenho três, quatro turmas, então, no montante, são muitos alunos, muitas provas, as tarefas aumentam e a cobrança também (Entrevista professora Frida, 19 abr. 2016).

A sobrecarga de trabalho gerada com a intensificação traz consigo um sentimento de insatisfação e incompetência, como se o transtorno fosse gerado pela própria docente que se sente responsável por não dar “conta da demanda”: “Isso me estressava, parecia que eu não estava conseguindo ser eficiente, que eu não estava sendo suficiente como professora. Então eu acho que o que afeta a saúde seria esse lado de não conseguir dar conta de tanta demanda” (Entrevista professora Frida, 19 abr. 2016).

Estudar a precarização do trabalho docente e sua repercussão sobre a saúde dos(as) professores(as) implica, necessariamente, entender o contexto sociopolítico em que são elaboradas as políticas públicas educacionais. Ainda, entendemos que as estratégias do capital – o neoliberalismo, Terceira Via e a reestruturação produtiva – para superar as diversas crises ao longo da história têm acarretado, além do desemprego, a precarização do trabalho. Sob essa premissa, Antunes (2001) percebe que a sociedade contemporânea vivencia um cenário crítico e vem produzindo uma imensa sociedade de excluídos(as) e de precarizados(as). Peroni (2013), nessa mesma lógica, também chama a atenção para o aumento da exploração dos(as) trabalhadores(as) que têm de trabalhar mais tempo por menos salário, já que “[...] o setor público e a população pagam uma altíssima conta com aumento de impostos, cortes nos salários e nas políticas sociais para pagar a conta do sistema financeiro” (PERONI, 2013,p. 3) de uma crise criada pelo sistema do capital.

Sob essa ótica, podemos afirmar que a precarização das condições de trabalho docente, especificamente da rede privada, revelam a intensificação do trabalho e do aumento do sofrimento subjetivo, a neutralização da mobilização coletiva contra o sofrimento, a dominação e a alienação, a estratégia defensiva do silêncio e o individualismo. São condições precárias que causam sentimentos de insegurança, afetando suas vidas e planejamentos pessoais:

Quanto ao contrato de trabalho, esse contrato é feito por carga horária, por hora-aula [...] tem a instabilidade do próximo semestre que a gente nunca sabe a carga horária que vai ter, tem toda uma instabilidade que é ruim. Isso influencia totalmente na minha vida, no meu planejamento do próximo semestre, influencia nas coisas que eu vou investir ou não vou investir, nas viagens que eu vou fazer ou não vou fazer [...] então é sempre uma instabilidade bastante forte e com certeza isso influencia na vida pessoal, até porque aumenta o nível de stress (Entrevista professor Moisés, 19 abr. 2016).

A professora Dandara revela que a precarização na IES chegou a um estado tão intenso que houve um momento em que demitiram todos(as) os(as) professores(as) mestres para que a empresa educacional reduzisse os custos com mão de obra e, assim, visando maiores rendimentos de lucros:

[...] numa dessas mudanças, a pior que teve foi quando eles mandaram demitir todos os mestres. Veio uma ordem de cima pra baixo [...] e foi uma brecha que eles pegaram numa lei em que poderia trabalhar inclusive só com a graduação e para ser mais barato [...] eles não tratavam a pessoa, a Dandara ou a Fulana que era Diretora, eram os números, vamos tirar os mestres pra economizar. Na EF eu fui a única professora que ficou, mas isso por uma exigência da Diretora, que chegou lá e disse 'Olha, não, a professora Dandara nós não podemos abrir mão dela' [...] eu tinha dezoito horas-aula, fiquei com duas, duas horas-aula (Entrevista professora Dandara, 12 abr. 2016).

O estudo de Lemos (2011), em sua pesquisa realizada com docentes da Universidade Federal da Bahia, indica que, em relação ao trabalho docente, não são raros os casos em que se trabalha mesmo em meio ao desgaste físico e mental, como a professora Frida revela em entrevista:

Era bem complicado tu faltar aqui, não que tu não pudesses por um problema de saúde faltar, mas é uma coisa que eu não me sentia à vontade de faltar porque eu sabia que vinham muitos alunos de fora, vinham de outras cidades e aquelas turmas imensas e aí, daqui a pouco, vai chegar a coordenação lá e vai dizer 'Oh, a professora não veio', então isso aí era uma coisa que eu não queria que acontecesse [...] eu vinha doente, eu vinha mal dar aula e os alunos notavam, sabe? Por mais que eu tente disfarçar, eles tinham como perceber que tu estava estressada (Entrevista professora Frida, 19 abr. 2016).

No entanto, um dos elementos da precarização do trabalho docente é a sua intensificação, ratificada através de situações marcadas pela excessividade de tarefas que lhe são atribuídas, ocasionando uma diversificação de funções e outros empregos além da IES em que estão vinculados(as). Isso faz com que o(a) professor(a) tenha que trabalhar de forma desqualificada pela falta de condições adequadas de trabalho, lhe causando mal-estar, desânimo e cansaço, agravantes à saúde mental e/ou a outros problemas de saúde associados a estes sintomas. A professora Frida, por exemplo, em decorrência da intensidade de tarefas, foi diagnosticada com labirintite:

[...] trabalhando no Município, na IES e no colégio particular, então, era muita coisa e aí eu me estressei demais nessa época, porque ainda tinha a parte da tua vida pessoal, da tua família [...] eu não conseguia ver quase a minha filha. A minha filha tinha dois anos, então uma criança pequena, eu chegava muito cansada de ter trabalhado o dia inteiro e eu tinha que dar atenção para minha filha e ela ficava acordada até uma da manhã querendo brincar e me requisitando e eu tinha que dar aquela atenção pra ela, então, foi uma época que eu fiquei com um

stress muito alto mesmo, eu tive até problemas de saúde. Então, primeira coisa que aconteceu foi perder a minha voz de tanto dar aula. Áí, depois, eu tive um problema de labirintite ocasionada por stress porque dormia bem menos do que deveria dormir e esse stress de trabalhar demais (Entrevista professora Frida, 19 abr. 2016).

Ainda, em relação à intensificação do trabalho causada pelas diversas tarefas, o professor Moisés traz um trecho importante que descreve as condições precárias em que estão imerso(as):

Quando eu trabalho em casa, a lógica é bastante intensa e se intensifica nos momentos de avaliação, então, o planejamento de aulas acaba sendo constante e nos momentos de avaliação, a elaboração de provas, por ter um número elevado de alunos – eu tenho que fazer provas diferentes para as mesmas turmas – então, se eu tiver duas, três turmas na mesma disciplina, eu vou ter que ter seis, nove provas diferentes, o que atrapalha o processo de correção também (Entrevista professor Moisés, 19 abr. 2016).

À medida que a intensificação do trabalho em geral e do trabalho docente aumenta, diminui a valorização do(a) trabalhador(a) em relação à força de trabalho, representado pelos baixos salários. Na categoria docente, esse fator muitas vezes obriga os(as) docentes a aumentarem sua jornada para, assim, aumentarem sua renda, a fim de garantir mínimas condições de vida. A instabilidade da IES, onde a cada semestre a carga horária varia, influencia, também, no salário do professorado de forma significativa, afetando suas vidas e os(as) fazendo buscar mais de um emprego, ampliando sobremaneira sua jornada diária de trabalho.

Dessa forma, nos parâmetros atuais da educação privada, a categoria docente enfrenta um ambiente educacional desafiador, com baixos salários, desvalorização da profissão, aumento da jornada de trabalho, dentre outros elementos. O trabalho docente da EF, em específico, também é cercado por essas problemáticas e outras mais, como precários e reduzidos espaços físicos para as aulas, falta de variedade e recursos materiais, dificuldade da legitimidade e contribuição da disciplina de EF no projeto político-pedagógico, dentre outros:

[...] aqui não tem muito material pra trabalhar ginástica, então, são poucos colchões, poucos aparelhos, poucos recursos. Quando juntava a turma... muita gente 'Pô, professor, não tem como trabalhar ginástica rítmica. Professor, não tem fita pra todo mundo, não tem arco pra todo mundo', então, isso eles sentiam diferença [...] aí tu tem que te virar, tu tem que juntar em grupos, aí um grupo tem um material e fica passando de mão em mão pra vivenciar. Inclusive tem uma avaliação que eles fazem da IES e dos professores da disciplina e todos os anos alguém comentava sobre isso: que era uma faculdade particular e deveria investir numa sala melhor, nos aparelhos melhores (Entrevista professora Frida, 19 abr. 2016).

Portanto, conforme os achados, o atual quadro em que a educação se encontra também contribui para fatores de risco à saúde docente, ou seja, as circunstâncias sob as quais os(as) docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção podem gerar sobre-esforço de suas funções psicofisiológicas. Se não há tempo para a recuperação, são desencadeados ou precipitados sintomas clínicos que explicariam os índices de afastamento do trabalho por transtornos mentais ou físicos, como no caso dos(as) professores(as) da IES por estarem expostos(as) a uma intensa precarização do trabalho:

[...] essa crise da coluna, ela durou muito, eu comecei um tratamento em 2007, num tratamento de sessões semanais e aí fui entendendo, tanto é que quando cheguei

lá o meu esposo me levou no colo [...] eu sei que adoeci mais por não conseguir dizer ‘não’ e lá eu aprendi, a minha médica, ela me disse ‘Tu tens que dizer ‘não’, tu não podes pegar tudo isso’. Ela [terapeuta] disse pra mim, ela detectou que eu tinha transtorno de ansiedade, então, comecei com uma medicação um pouco mais forte, depois ela tirou, mas só para o transtorno de ansiedade, porque ela disse ‘Tu fica ansiosa e aí tu começa a pegar e a pegar coisas e a colocar nas tuas costas e daqui a pouco o teu corpo não consegue mais levar adiante’, e aí eu não conseguia entender, eu dizia ‘Como que pode uma universidade funcionar sem estágio? Sem supervisão? Como que pode querer que a gente trabalhe com extensão sem pagar?’, e isso me adoecia, a gente sofria (Entrevista professora Dandara, 19 abr. 2016).

Não é à toa que a saúde do(a) professor(a) vem sendo fonte de preocupação por diversos segmentos da sociedade, sendo a segunda profissão, em nível mundial, a portar doenças advindas das ocupações laborais e cujos transtornos mentais ocupam um lugar de destaque, o que demonstra a relevância e a necessidade de estudos voltados para orientar medidas de atenção à saúde. Segundo uma pesquisa realizada com 800 professores(as) pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) de Lisboa², a cada três professores(as), um(a) tem níveis elevados de esgotamento profissional e isso se deve à desvalorização do trabalho docente em consequência da precarização e condições de trabalho. Portanto, não é difícil encontrarmos casos de adoecimento de docentes por transtornos mentais e comportamentais. Apesar da dificuldade de relacionar a doença ao trabalho, já que a consideram, em alguns casos, multifatorial, é possível atribuir a crise de transtornos mentais, como a depressão, à intensificação e à precarização do trabalho. Chama-se a atenção para alguns casos que levam o(a) professor(a) ao uso de antidepressivos para suportar a carga de trabalho.

É relevante, no entanto, colocar que dentre os transtornos mentais mais presentes entre professores(as) se encontra a síndrome de *Burnout*, um fenômeno psicossocial que surge de fatores estressores no cotidiano do trabalho e que pode ser dividido em três componentes: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho, tendo como sintomas mais comuns: ansiedade, dificuldade de relaxar, desmotivação, alienação, irritabilidade, insônia, cansaço, dentre outros (SANTINI; MOLINA NETO, 2004).

Uma das pesquisas com maior abrangência sobre as condições de trabalho e saúde mental de trabalhadores(as) da área da educação do Brasil envolveu 52 mil participantes (professores(as) e funcionários(as)) de 1.440 escolas distribuídas em todos os estados do país. O estudo apontou como algumas causas da exaustão emocional, que atinge 26,3% dos(as) professores(as) brasileiros(as), a infraestrutura precária, a falta de materiais, os baixos salários, a falta de participação dos(as) gestores(as) e da comunidade e a sobrecarga de trabalho (CODO, 1999).

Essa sobrecarga de trabalho lhes causa cansaço e, consequentemente, não permite que qualifiquem seu planejamento de aula, que, como já apontamos, não é remunerado:

Nessas épocas que eu tinha maior carga horária e juntando aqui com o que eu tinha fora também, eu me sentia muito cansada. Então, até coisas que tu planeja quando tu está dando aula, tu fica pensando ‘Vou colocar lá no material da aula teórica lá nas lâminas’, aí as vezes não tinha tempo de fazer isso, sabe, e o tempo que eu tinha, queria descansar, então eu acho que até essa carga horária ‘louca’ prejudica um pouco a qualidade da aula que tu dá [...] eu não conseguia ter tempo

² Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/em-cada-tres-professores-um-esta-beira-do-esgotamento-e-outro-perder-voz/36990>>
Acesso em: 20 de maio de 2016.

de fazer isso, sabe, e nem disposição de fazer, porque aí quando eu tinha um tempo, não tinha disposição de fazer, então eu acho que cansada resume de como eu me sentia no fim do dia de uma jornada de trabalho (Entrevista professora Frida, 19abr. 2016).

A intensidade de tarefas causa uma tensão tão grande em Moisés que acaba influenciando em seu sono noturno, lhe ocasionando ainda mais cansaço.

[...] nos momentos pré-semestre tem uma tensão muito grande que atrapalha o meu sono, atrapalha o meu descanso total e eu acabo me sentindo mais cansado numa visão geral. Em momentos de avaliação, em momentos mais intensos da IES, meu descanso fica atrapalhado, fica prejudicado [...] o que frustra um pouco é deixar de fazer as coisas que eu gostaria de fazer nos momentos livres para fazer coisas que eu não estou sendo remunerado pra isso, então isso acaba aumentando o stress, atrapalhando o meu descanso e eu acabo ficando mais cansado no final do dia (Entrevista professor Moisés, 19 abr. 2016).

Esses diagnósticos e problemas de saúde estão relacionados com a precarização do trabalho docente vinculada a alguns fatores, como: a multiplicidade de tarefas, as contradições entre a formação e as demandas do sistema educacional oferecido, a sobrecarga de trabalho, turmas numerosas (100/120/130 estudantes), falta de materiais, falta de autonomia em diversos processos de ensino-aprendizagem, intensificação de tarefas extraclasse e que não são remuneradas, a irregularidade na carga horária que a cada semestre tem uma mudança significativa (pode ser aumentada ou diminuída), o fato de terem que esconder suas formações para que possam ser contratados pela IES, a instabilidade do vínculo de trabalho, a cobrança institucional e por parte de estudantes em relação a prazos – como correções de provas e trabalhos, lançamento de notas e frequência –, casos de assédio moral por parte de estudantes e da IES contra docentes, ausência do lazer e perda de controle sobre o projeto acadêmico, dentre outros tantos fatores que desenham o cenário de precarização de trabalho da IES pesquisada, sendo, portanto, fatores da precarização do trabalho docente que implicam a saúde docente do professorado do curso de EF desta IES. Os(as) colaboradores(as) apontaram que esse conjunto de fatores afeta significativamente sua saúde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados encontrados, é possível afirmar que o trabalho humano passa a representar riscos à saúde docente porque há uma imposição de ritmos e limites à sua capacidade criadora e à liberdade de expressão da sua subjetividade enquanto trabalhador(a). Indicamos, ainda, que os fatores de influência na saúde docente da IES pesquisada são as precárias condições do trabalho docente às quais estão submetidos(as). Neste sentido, concluímos que o trabalho pedagógico em geral se torna cada vez mais precário e que isso faz com que os(as) trabalhadores(as) adoeçam de modo significativo, afirmando que a precarização do trabalho e a saúde docente estão intimamente associadas, considerando que os fenômenos não existem de forma isolada, pois se comprehende o mundo como um conjunto de processos.

Também concluímos que o trabalho pedagógico em geral se torna cada vez mais precário e que este fator contribui para que os(as) trabalhadores(as) adoeçam de modo substancial. Ainda, dentre os agravamentos de saúde do professorado da IES pesquisada, estão os problemas osteomusculares, problemas vocais e labirintite, e esses agravamentos, por sua vez, são decorrentes de fatores de saúde mental como: estresse, cansaço, desânimo,

transtorno de ansiedade – problemas de saúde citados pelos(as) professores(as) tanto nos questionários como nas entrevistas.

A intensificação do trabalho docente e a ampliação da jornada de trabalho diária, marcada pela excessividade de tarefas atribuídas à docência e o fato de terem que obter outros empregos para além da IES, implicam maior perda da qualidade da educação, lhes causando mal-estar, desânimo e esgotamento, agravantes à saúde mental e/ou a outros problemas de saúde associados a estes sintomas.

Diante de todo este contexto educacional no qual o(a) professor(a) está inserido(a) e dos resultados apresentados pela produção do conhecimento científico, cabe ressaltar que se percebem a necessidade e a urgência nas intervenções preventivas à atenção à saúde docente. Devido ao alto grau de sofrimento que esta categoria vem passando, esperamos que esta pesquisa possa promover significativos debates críticos e de importância científica em torno do tema proposto neste estudo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **A cidadania negada**: políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2001. p. 35-48.
- CODO, Wanderley. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. *Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ELIAS, Marisa Aparecida; NAVARRO, Vera Lúcia. **Equilibristas na Corda Bamba**: o trabalho e a saúde de docentes do Ensino Superior privado de Uberlândia/MG. 2014. 181 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Ribeirão Preto, 2014.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da Organização do trabalho pedagógico e da Didática**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus 2006.
- JANKAVSKI, André. Sobra dinheiro para a educação, mas falta gestão. **Revista Isto É Dinheiro**, n. 891, 14 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.istoeedinheiro.com.br/noticias/entrevistas/20141114/sobra-dinheiro-para-educacao-mas-falta-gestao/208314.shtml>> Acesso em: 20 maio 2016.
- LEHER, Roberto. Projetos e Modelos de Autonomia e Privatização das Universidades Públicas. **Revista da ADUEL**, p. 8-20, set. 2003.
- LEMOS, Denise. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. **Cadernos CRH**, v. 24, n. 1, p. 103-18, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **La ideología alemana**. Montevideo: Pueblos Unidos; Barcelona: Grijalbo, 1974.
- PERONI, Vera Maria Vidal. Redefinições no papel do Estado: parcerias público-privadas e a democratização da educação. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 21, n. 47, p. 1-14, maio 2013.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. **A Síndrome do Esgotamento Profissional:** o “abandono” da carreira docente pelos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. 2004. 224 f. Dissertação (Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SPEARS, Eric. Globalização e mudança do papel da universidade federal brasileira: uma perspectiva da economia política. **Revista HISTEDBR Online**, v.12, n.47, p.3-23, set.2012.

